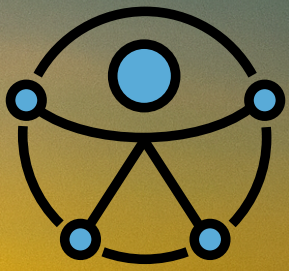
ALÉM DAS BARREIRAS

o turismo inclusivo por meio das nossas experiências



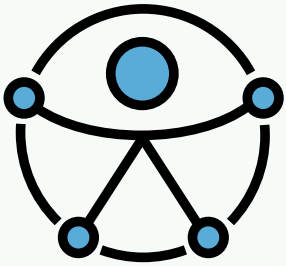
Marta Regina da Silva-Melo
(Organização)

UEMS
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

editora ECO Didática

ALÉM DAS BARREIRAS

o turismo inclusivo por meio das nossas experiências



Marta Regina da Silva-Melo
(Organização)

Campo Grande/MS
2025

UEMS
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

editora ECO Didática®

Copyright © 2025 dos autores e da Editora Ecodidática

Os direitos de edição e publicação foram cedidos à Editora Ecodidática
Esta obra está licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND). Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Editor-Chefe e revisão: Gleidson Melo

Projeto gráfico, edição e diagramação: Editora Ecodidática

Capa: © Parque Estadual Nascentes do Rio Taquari, retratado em um pôr do sol inspirador que revela a silhueta de uma cadeia de montanhas ao fundo. Fotografia de Marta Regina da Silva-Melo. Ao centro, destaca-se o Símbolo Internacional de Acessibilidade, desenvolvido pelas Nações Unidas (ONU).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Além das barreiras [livro eletrônico] : o turismo inclusivo por meio das nossas experiências / Marta Regina da Silva-Melo [organização]. -- Campo Grande, MS : Editora Ecodidática, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-85640-15-2

1. Acessibilidade 2. Pessoas com deficiência – Acessibilidade 3. Pessoas com deficiência – Inclusão social 4. Relatos de experiências 5. Turismo I. Silva-Melo, Marta Regina da.

25-303713.0 CDD-338.4791

Índices para catálogo sistemático:

1. Acessibilidade : Pessoas com deficiências : Turismo 338.4791

Adriana Lupion – Bibliotecária – CRB-8/6933

DOI: 10.56713/editoraecodidatica/85640152
Editora Ecodidática: https://editoraecodidatica.com.br
E-mail: contato@editoraecodidatica.com.br
Contato +55 67 3211-2328 (WhatsApp)
Instagram: https://www.instagram.com/editoraecodidatica.com.br

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR
(Doutoras e Doutores)

Airton José Vinholi Júnior
IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Angela Guida
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Antonia Suely Guimarães e Silva
UEMA – Universidade Estadual do Maranhão – Centro de Estudos Superiores de Caxias
Ariane Aparecida Carvalho de Arruda
Pesquisadora em História da América colonial, História do Brasil colonial, Etno-história, História indígena e Arqueologia
Beatriz Aparecida Alencar
IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Bruna Franco Neto
IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
Daniela Sottili Garcia
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Djanires Lageano Neto de Jesus
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Eduardo Salinas Chavéz
Instituto de Desarrollo Regional Universidad de Granada, España
Eliane Rosa da Silva Dilkin
IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Fábia Trentin
UFF – Universidade Federal Fluminense
Fabio Martins Ayres
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Fábio do Vale
Faculdade Insted – Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano
José Luís dos Santos Peixoto
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Larissa Tinoco Barbosa
Pesquisadora associada ao Instituto Arara Azul
Luciana Correia Diettrich
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Marilyn Aparecida Errobidarte de Matos
IFMS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Marta Costa Beck
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Patrícia Cristina Statella Martins
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Atestamos que esta obra foi indicada para publicação pelo Conselho Editorial Científico Multidisciplinar da Editora Ecodidática.

A acessibilidade transforma o turismo, para que as pessoas com deficiência vivam experiências além das barreiras (Telma Nantes).

SUMÁRIO

Prefácio 10
Prof. Dr. José Aparecido da Costa

Apresentação 14
Profa. Dra. Marta Regina da Silva-Melo

Autonomia gera experiências memoráveis..... 17
Astrogilda Maria Jose
Colaboradores:
Letícia Vitória Duarte de Almeida
Lincon Loubet de Freitas
Naia Gabrielly Sousa

Sentimento de pertencimento na experiência turística..... 20
Mírian Mirella Ballatore Holland
Colaboradores:
Camila Corrêa Machado
Creso Paiva Filho
Danielle Velasquez de Barros Magalhães
Zefinha Benedita da Silva Sá

Acessibilidade imersiva e vibrações sensoriais 23

Josiane Pereira dos Santos

Colaboradores:

Alexandre Barbosa Chagas

Quézia Medina de Campos

Stepherson Medina Rodrigues Mendes

Thiago Silva Pereira

Voo da andorinha: acessibilidade na prática 29

Lucas Helpis de Lima

Desbravando novos lugares 34

Ana Lúcia Serpa

Colaboradores:

Flávia Andiara Maciel

Juliana de Lima Carvalho

Lais Soares de Assunção

Maria Luiza Santos Araujo

Rhayane de Oliveira Leal

Precisamos de lugares mais acessíveis 37

Eva Aparecida Ortiz Barbosa

Colaboradores:

Flávia Andiara Maciel

Juliana de Lima Carvalho

Lais Soares de Assunção

Maria Luiza Santos Araujo

Rhayane de Oliveira Leal

Experiência turística compreensível e transformadora 40
Gildo Ribeiro do Nascimento
Colaboradores:
Andreia Ricarte de Oliveira Candido
Neura Ney Silva de Almeida e Souza
Savelina Cristaldo Ferreira

Pelos meus passos: o turismo que inclui 43
Lilian Cristina de Jesus Garcia
Colaboradores:
Camila Corrêa Machado
Creso Paiva Filho
Danielle Velasques de Barros Magalhães
Zefinha Benedita da Silva Sá

Características de acessibilidade em espaços turísticos 46
João Pedro Cunha Viana
Colaboradores:
Andreia Ricarte de Oliveira Candido
Neura Ney Silva de Almeida e Souza
Savelina Cristaldo Ferreira

Experiência turística..... 50
Valdir Antonio Lustosa Alcântara
Colaboradores:
Alexandre Barbosa Chagas
Quézia Medina de Campos
Stepherson Medina Rodrigues Mendes
Thiago Silva Pereira

Viajar é uma oportunidade de colecionar memórias..... 54
Carlos Magno da Silva
Colaboradores:
Letícia Vitória Duarte de Almeida
Lincon Loubet de Freitas
Naia Gabrielly Sousa

Nota dos discentes 57
Agradecimentos 59
Sobre os autores 61
Índice remissivo 65

PREFÁCIO

Esta feliz iniciativa de retratar boas práticas sobre experiências de turismo acessíveis e inclusivas e seus desafios representa significativa ação dos acadêmicos do curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, sob a condução da Professora Doutora Marta Regina da Silva-Melo e, sem qualquer dúvida, trata-se de relevante temática vinculada à acessibilidade, inclusão e busca de inserção social das pessoas com deficiência por meio da gama de possibilidades a partir do desenvolvimento de abordagens no campo do turismo.

Para além do exposto, não se pode secundarizar o valor da difusão de boas experiências no que tange à área do turismo, seja pela real necessidade dessa divulgação, seja ainda pela identificação de tratativa incipiente, considerada a temática ora delineada especificamente na condição de registros escritos.

Ao prefaciar esta produção, registro a honra e contentamento que tenho em fazê-lo. Primeiro porque enquanto

pessoa com deficiência e militante pela causa já há 44 anos, é sobretudo singular privilégio poder constatar o destacado empenho dos estudantes do curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, cujas produções se revestem de clara transformação no sentido da compreensão no que se refere à importância da concretização das políticas públicas para as pessoas com deficiência.

Adicionando-se ao destacado anteriormente, explicito que, de forma mais ampla, os textos ora publicados demonstram de maneira inequívoca, mais uma vez, o compromisso da universidade com a inclusão.

Atuo desde o início da implantação do Laboratório de Pesquisas em Educação Especial, Acessibilidade e Inclusão da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LAPIS/UEMS). Exatamente neste ano (2025), o espaço está completando 10 anos e a presente produção é mais uma ação que configura a prática das diretrizes e princípios inclusivos no âmbito da instituição, desta feita por meio das reflexões e consolidação de produção do Curso de Turismo, marca mais uma vez confirmada pelo brilhantismo conferido pelo presente trabalho.

Já no campo da legislação, aspecto no qual o Brasil ocupa lugar de destaque em termos de avanços, deve-se ressaltar a garantia contida na Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, estando o acesso ao turismo inserido no capítulo IX na condição de salutar direito para as pessoas com deficiência. Assim, ao tratar da cultura, do esporte, do turismo e do lazer, a Lei citada afirma que esses setores devem garantir o acesso das pessoas com deficiência em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos.

Desse modo, constatamos que contamos com iniciativas arrojadas no valioso espaço da graduação. Temos conquistas inegáveis no que diz respeito às garantias legais. Podemos nos valer dos registros das significativas experiências no setor do turismo, levadas em conta as percepções das pessoas com deficiência, conforme o teor da presente publicação, aspectos esses que se inserem no contexto do conjunto das ações comprometidas com a sociedade diversa, acessível, plural e sobretudo inclusiva que almejamos todos os dias.

Em tal contexto, não posso deixar de mencionar a efetiva sensação de pertencimento, acolhimento e inclusão que experienciei em dois espaços turísticos, evidentemente que expressa nesta circunstância de forma ilustrativa por causa da necessária objetividade. Enfatizo, entretanto, que os locais ora mencionados estão ambos situados no Estado de Mato Grosso do Sul.

Faço referência ao Bioparque Pantanal, localizado em sua capital, Campo Grande. Já estive nesse atrativo turístico por algumas vezes. E em cada uma delas, exatamente em função das condições relacionadas à promoção da acessibilidade, fui tomado pela percepção da transformação obtida em razão da aproximação das riquezas naturais e pelo valor incalculável do turismo e do lazer para nossas existências.

No mesmo sentido, menciono minha inesquecível visita aos espaços turísticos disponíveis no município de Bonito/MS. Na oportunidade havia concluído o período do doutoramento e para celebrar a conclusão da etapa fui usufruir daquelas belezas em companhia da família.

Confesso que poucas outras escolhas teriam a possibilidade de me trazer tanta felicidade. As visitas foram singularmente marcadas pela alegria de contar com a presença da natureza, pela vivacidade das árvores, dos pássaros, dos peixes, dos rios, dos guias de turismo, dos demais visitantes de um modo geral.

São todas essas razões e tantas outras que minhas limitações por causa do espaço e objetivo textuais, me impedem de referir com todas as minúcias devidas, mas que fazem da atuação externalizada no presente trabalho desses futuros turismólogos profissionais esforçados, determinados e comprometidos. Sendo exatamente por essas características transformadoras do nosso tempo, oportunizando assim as inscrições da acessibilidade e da inclusão no curso do estabelecimento de uma sociedade cada vez mais cidadã, diversa, acolhedora e plural, cujos alicerces estejam sólidos na base da valorização de todas as acessibilidades, sobretudo da atitudinal.

É evidente que, mesmo nos espaços recém-mencionados, consideradas as inovações tecnológicas e mesmo o dinamismo dos cenários, poderemos sempre contar com a identificação de novas necessidades. Entretanto, não percamos jamais de vista os parâmetros que norteiam e inspiram a busca por ambientes plurais nos quais caibam todas as singularidades humanas.

Prof. Dr. José Aparecido da Costa

APRESENTAÇÃO

As ações desenvolvidas em um Projeto interdisciplinar e transdisciplinar no âmbito do turismo têm como proposta principal formar Bacharéis em Turismo com visão crítica do fenômeno, aptos para atuar nas diversas áreas da atividade turística.

Discorrer sobre acessibilidade e inclusão no ambiente universitário deve ir além de uma simples aquisição de conhecimento técnico. Neste sentido, ao fazer uma imersão nesses temas é possível favorecer a formação pessoal e profissional dos estudantes de forma que haja uma melhor compreensão de que a acessibilidade e inclusão são um direito fundamental.

Segundo a Declaração de Madri,[1] para que o processo de inclusão seja bem-sucedido, é fundamental que a sociedade como um todo se comprometa com os princípios universais que promovam mudanças significativas, a fim de

[1] A Declaração, aprovada no Congresso Europeu de Pessoas com Deficiência em março de 2002, entende a deficiência como uma questão de Direitos Humanos. Ela enumera as barreiras na sociedade que conduzem à discriminação e à exclusão social, defendendo oportunidades iguais às pessoas com deficiência.

incluir as necessidades de todas as pessoas, inclusive das pessoas com deficiência.

Além disso, compreende uma estreita relação com alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. Entre os Objetivos, destacam-se o ODS 10: Redução das Desigualdades e o ODS 17: Parcerias e Meios de Implementação.

O ODS 10 pode ser considerado como um objetivo central para o turismo inclusivo. Ele busca proporcionar a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião ou condição econômica. O turismo inclusivo atua diretamente nesse objetivo, quando propõe remover barreiras físicas, sensoriais, atitudinais e quando propicia a igualdade de oportunidades e oferece acesso a experiências turísticas para segmentos da população que historicamente foram excluídos, bem como ao incentivar a participação de diferentes grupos sub-representados no planejamento e desenvolvimento do turismo.

O ODS 17 reforça as parcerias para que haja inclusão no turismo e por isso requer a colaboração entre governos, setor privado, organizações da sociedade civil e as próprias pessoas com deficiência para alcançar suas metas nesse contexto.

Atividades Avançadas em Turismo I (AAT-I) faz parte do rol de disciplinas que compõem a creditação da extensão universitária e, conforme estabelecido por normativa do Ministério da Educação, a creditação de extensão deve atender à comunidade externa à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. No contexto, o público selecionado foram pessoas com diferentes tipos de deficiência.

Os estudantes da disciplina de Atividades Avançadas em Turismo I, por meio da escuta ativa e participativa, mediaram os diálogos tornando possível a escrita dos relatos apresentados nesta obra. O propósito dessa construção buscou incentivar o estudante a se tornar protagonista do seu aprendizado, desenvolvendo ao mesmo tempo suas habilidades sociais e interpessoais.

Desse modo, as vivências inclusivas se materializam em forma de aprendizados. Elas permitem ao estudante e aos atores sociais do turismo desenvolver empatia e uma compreensão real das barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência. Para tanto, ao desenvolver práticas turísticas é fundamental considerar o lema "nada sobre nós, sem nós".[2] Pois, é importante reconhecer que cada indivíduo é digno de respeito e de participar das decisões que afetam suas vidas.

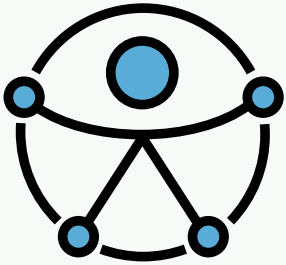
Enfatiza-se que a acessibilidade e a inclusão são fundamentais para que todos possam usufruir dos patrimônios naturais, históricos e culturais. Portanto, quando se estrutura ambientes e serviços com características acessíveis e inclusivas, é possível construir um mundo mais justo para todos.

Desejo uma boa leitura,

Profa. Dra. Marta Regina da Silva-Melo

[2] Trata-se de um lema que emergiu durante o processo de construção da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, para reivindicar a participação das pessoas com deficiência em todas as esferas, na tomada de decisões e na formulação de políticas.

Autonomia gera experiências memoráveis



Astrogilda Maria Jose

Colaboradores:

Letícia Vitória Duarte de Almeida
Lincon Loubet de Freitas
Naia Gabrielly Sousa

Autonomia gera experiências memoráveis

Astrogilda Maria Jose

Viajar é uma das atividades mais prazerosas, que proporciona experiências memoráveis.

Para mim, viajar é uma das atividades mais prazerosas, e já tive muitas experiências memoráveis com minha família e amigos.

A viagem mais marcante da minha vida foi para Caldas Novas, um destino famoso por suas águas termais. O que a tornou inesquecível foi a companhia: viajei com uma amiga que, assim como eu, é cega.

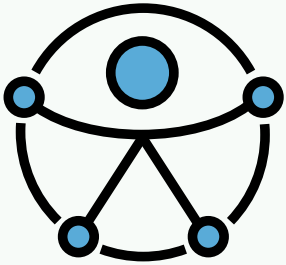
Mais do que férias, aquela foi uma jornada de autoconfiança. Juntas, em um local totalmente novo, tivemos a chance de experimentar a nossa autonomia, provando para nós mesmas que a deficiência visual não é um limite para descobrir e explorar lugares.

Nossa escolha de hospedagem foi o Park L'acqua di Roma, um lugar que me cativou pelo atendimento. Assim que chego a um novo estabelecimento, identifico-me e explico que preciso de auxílio para reconhecer o espaço. Para isso, os funcionários devem ser atenciosos e fazer esse acompanhamento com total boa vontade. Nessa experiência, os fun-

cionários foram solícitos e acompanharam o processo com total dedicação.

O ponto forte do local é a acessibilidade. A área de piscinas, lanchonetes e restaurante é totalmente adaptada, com rampas e corrimãos que facilitam a entrada na água. É por essa experiência de acolhimento e independência que eu voltaria a esse lugar e o recomendo a todos.

Sentimento de pertencimento na experiência turística



Mírian Mirella Ballatore Holland

Colaboradores:

Camila Corrêa Machado
Creso Paiva Filho
Danielle Velasquez de Barros Magalhães
Zefinha Benedita da Silva Sá

Sentimento de pertencimento na experiência turística

Mírian Mirella Ballatore Holland

O sentimento de pertencimento ao ambiente natural foi gigante e não apenas tive apoio para entrar no rio, mas posso afirmar que me senti acolhida.

Tenho mais de 1 metro, cabelos loiros e uso uma cadeira de rodas para me locomover devido à Osteogenese Imperfeita ou Síndrome de Ossos de Vidro. Uma doença rara que afeta o colágeno dos ossos, tornando-os mais propensos a fraturas.

Considero que 99% de minhas experiências com a questão da acessibilidade e inclusão dentro do turismo foram desafiadoras por falta de infraestrutura adequada para necessidades básicas do dia a dia, além da lista de outros componentes na elaboração de roteiros que me limitavam o acesso nos espaços turísticos.

Como experiência turística memorável, cito a experiência na Nascente Azul, no município de Bonito, que considero que foi fantástica.

Esta experiência fez parte de um projeto "Turismo Acessível e Inclusivo" da Subsecretaria da Pessoa com Deficiência. O objetivo desta viagem era relatar melhorias e andamento da acessibilidade e inclusão no atrativo turístico Nascente Azul.

Apesar da necessidade de que alguns pontos devessem ser melhorados, como o tamanho das mesas do restaurante, que eram muito altas, por serem de madeira de reaproveitamento e demolição, da falta de intérprete de Libras para o acesso do público surdo e material e sinalização em Braille para o pessoal com deficiência visual, considero que a mobilidade física do espaço foi adequada.

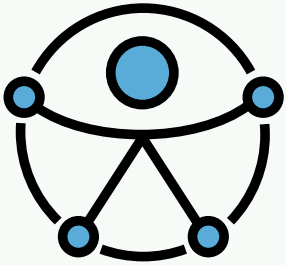
Ações empáticas fazem a diferença. No caso, reconheço que o proprietário e o gerente do local possuem uma visão de cuidado na prática do turismo. Chegando no local, logo na recepção é disponibilizado um balcão acessível, e quando o guia veio me atender, ele teve o gesto de se agachar para conversar e explicar sobre a dinâmica do passeio, demonstrando comprometimento para um turismo mais inclusivo.

A atividade sugerida foi a flutuação, sendo vivenciada pela primeira vez. No estabelecimento não existem roupas de banho adequadas para pessoas menores, como as que têm nanismo. Nisso, sugeri que fossem providenciados equipamento e roupas de banho para pessoas com estaturas menores.

Seguindo a programação, posso relatar que não apenas tive apoio para entrar no rio, mas posso afirmar que me senti acolhida, sendo ensinada a colocar todos os equipamentos para a realização da flutuação, como a cadeira anfíbia, máscara e equipamento de respiração.

Confesso que foi gigante o sentimento de pertencimento ao ambiente natural, pois o atrativo turístico, mesmo passando por um processo de adequação para atender a diversos públicos com deficiência, conseguiu trazer leveza ao passeio desde o primeiro contato.

Acessibilidade imersiva e vibrações sensoriais



Josiane Pereira dos Santos

Colaboradores:

Alexandre Barbosa Chagas
Quézia Medina de Campos
Stepherson Medina Rodrigues Mendes
Thiago Silva Pereira

Acessibilidade imersiva e vibrações sensoriais

Josiane Pereira dos Santos

Saber que existem lugares preparados para receber pessoas com deficiência visual é possível acreditar na construção de um mundo mais acessível, mais empático e mais justo.

Uma experiência inesquecível no maior aquário de água doce do mundo. Nunca imaginei que um dia teria a oportunidade de visitar o Bioparque Pantanal em Campo Grande, considerado o maior aquário de água doce do mundo.

A notícia chegou de forma surpreendente, como um presente da vida. Quando me convidaram para essa visita, meu coração disparou. Sempre ouvi falar desse lugar incrível, mas confesso que, no fundo, me perguntava se seria uma experiência verdadeiramente acessível para pessoas com deficiência visual como eu.

Os dias que antecederam a visita foram cheios de ansiedade, alegria e curiosidade. Eu me perguntava como seria caminhar por aquele ambiente, entender os detalhes dos tanques, dos peixes e das espécies que vivem por lá. E, mais do que tudo, como seria vivenciar isso de forma sensorial, onde meus olhos dariam lugar às mãos, aos ouvidos e ao coração.

O grande dia chegou. Ao entrar no Bioparque, fui recebida por uma equipe extremamente preparada, acolhedora e, acima de tudo, comprometida com a inclusão. Eles explicaram que a visita seria guiada, com audiodescrição detalhada, além de contar com recursos táteis e placas em Braille espalhadas por todo o espaço. Naquele momento, percebi que aquele lugar não era só bonito – era também pensado para que todas as pessoas, independentemente de suas limitações, pudessem viver a experiência por completo.

Assim que começamos a caminhada, fui cercada por sons que pareciam me transportar para dentro dos rios e florestas do Pantanal: o som da água correndo, de bolhas, dos filtros dos tanques e até dos próprios animais. A guia, muito atenciosa, descrevia tudo, desde o tamanho dos tanques até os detalhes dos vidros que permitiam observar os animais de ângulos diferentes.

Ao me aproximar de cada tanque, uma surpresa: havia placas em Braille com o nome da espécie de peixe, além de informações sobre seu habitat, comportamento e curiosidades que a guia me detalhava. Poder passar os dedos sobre aquelas placas, sentir as letras e, ao mesmo tempo, ouvir a descrição da guia, me fazia criar uma imagem mental muito nítida. Era como se eu realmente estivesse enxergando com as mãos e com a imaginação.

Ela descrevia, por exemplo, que no tanque à nossa frente havia um jaú, um peixe enorme, robusto, de pele acinzentada, que poderia pesar mais de 100 quilos. Eu me aproximava do vidro e, mesmo sem vê-lo, quase podia senti-lo deslizando lentamente pela água. O som das bolhas, o eco dos passos ao redor, tudo colaborava para tornar aquele momento mágico.

Cada tanque tinha sua própria história, seus próprios moradores: piraputangas, pacus, dourados, arraias e até jacarés. Sim! Jacarés que, segundo a guia, ficavam imóveis, flutuando de maneira quase teatral, como se soubessem que estavam sendo observados.

Se até então a visita já estava emocionante, nada me preparou para o momento mais esperado e impactante para mim: a chegada ao Espaço Biotátil.

Ali, pude ter contato direto, através do tato, com réplicas e animais empalhados que pareciam vivos. E, bem no centro do espaço, ela estava lá, uma onça-pintada adulta empalhada em tamanho real, em uma posição majestosa, como se estivesse à espreita na mata.

Aproximei-me devagar, sentindo o coração acelerar. Estiquei as mãos e comecei a explorar, parte por parte, aquele animal que sempre me fascinou, mas que até então só fazia parte do meu imaginário. Pois, quando enxergava, sempre via as onças na televisão e tinha vontade de vê-las o mais de perto possível. Toquei sua cabeça, percebi o contorno do focinho, senti as orelhas, as vibrissas (aqueles "bigodes" sensíveis dos felinos), e desci com as mãos até o pescoço forte, os ombros largos e o corpo musculoso. A textura dos pelos, embora imóvel, parecia viva.

Quando minhas mãos chegaram nas patas, senti o tamanho das almofadinhas, das garras retraídas. Na cauda, percebi como é longa e forte. Cada mancha da onça estava representada em minha imaginação, permitindo que eu sentisse toda a emoção como se estivesse na natureza.

Confesso que, nesse momento, as emoções tomaram conta de mim. Foi impossível segurar as lágrimas. A guia, percebendo minha emoção, me deixou à vontade, e eu fiquei ali, por longos minutos, apenas sentindo... e gravando aquele momento na alma. Sempre tive o desejo de chegar perto de uma onça, de entender seu tamanho, sua imponência, e naquele instante, meu sonho estava sendo realizado.

Depois desse momento, seguimos para outro espaço que me marcou profundamente: o Túnel Neutrópico. Esse local é como se fosse um corredor submerso, onde as paredes e o teto são compostos por um enorme tanque, criando a sensação de estar andando dentro do rio, rodeado de peixes de todos os tamanhos.

Ali, mesmo sem ver, eu sentia uma vibração diferente, como se a água, os sons abafados dos peixes nadando e até o eco dos próprios passos criassem uma atmosfera mágica, quase espiritual. A audiodescrição me guiava, contando sobre os peixes que passavam sobre nossas cabeças, como arraias enormes e cardumes que formavam verdadeiras danças na água.

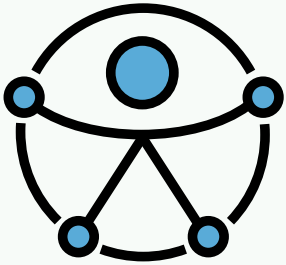
Foi, sem dúvida, um dos meus espaços favoritos. A sensação de pertencimento à natureza, de estar dentro daquele ecossistema, foi algo que jamais vou esquecer.

Ao final da visita, saí de lá com o coração transbordando gratidão. O Bioparque Pantanal não é apenas um aquário. É um espaço de educação, inclusão, preservação e, acima de tudo, respeito pela diversidade – seja ela natural ou humana.

Saber que existem lugares preparados para receber pessoas com deficiência visual, oferecendo recursos como audiodescrição, placas em Braille e espaços táteis, me enche de esperança de que estamos, aos poucos, construindo um mundo mais acessível, mais empático e mais justo.

Essa experiência ficará registrada não apenas na minha memória, mas em cada parte de mim que foi tocada – pelo som, pelo toque, pela emoção e, principalmente, pela certeza de que a verdadeira beleza vai muito além do que os olhos podem ver.

Voo da andorinha: acessibilidade na prática



Lucas Helpis de Lima

Voo da andorinha: acessibilidade na prática

Lucas Helpis de Lima

A cadeira de rodas, para mim, nunca foi um ponto final; ela é o ponto de partida para explorar o mundo de uma perspectiva única.

Durante uma visita de campo na cidade de Costa Rica, em Mato Grosso do Sul, como parte da disciplina de Economia dos Recursos Naturais, eu não imaginava que teria uma das experiências mais marcantes da minha vida.

A paisagem era de tirar o fôlego, com uma natureza exuberante que, por si só, já valia a visita. No entanto, o ponto alto da viagem seria a Tirolesa Voo da Andorinha, uma atração de 400 metros que desafiaria não apenas o meu medo de altura, mas também a minha percepção sobre acessibilidade.

A princípio, a ideia de fazer uma tirolesa pareceu um obstáculo intransponível. Como um cadeirante, a atividade exigiria adaptações e, principalmente, a confiança em uma equipe que garantisse minha segurança. Felizmente, os profissionais da tirolesa demonstraram um preparo excepcional.

A segurança foi a prioridade desde o início. Os guias me apresentaram os equipamentos que seriam usados para

garantir que a minha experiência fosse segura e agradável. Para a tirolesa, usei um capacete para proteção, um cinto de segurança (*baudrier*) ajustado ao corpo e um assento especial. Além disso, o sistema de tirolesa incluía cabos de aço e roldanas duplas, que eram projetadas para suportar grandes cargas.

O mais importante, porém, foi a habilidade da equipe em adaptar a tirolesa para o meu caso. Eles não apenas me colocaram no equipamento, mas me explicaram o funcionamento de cada item e como tudo se encaixaria para me dar a estabilidade necessária durante o trajeto. O processo foi feito com tanto cuidado que o nervosismo inicial deu lugar a uma confiança total na equipe.

O momento do voo foi pura emoção. Deixei a plataforma e, em segundos, estava no ar, sentindo o vento no rosto e a adrenalina correndo nas veias. A visão lá de cima era espetacular, com a vegetação densa se estendendo abaixo de mim. Não era apenas um passeio; era uma sensação de liberdade e superação. Naquele momento, todas as barreiras físicas pareciam desaparecer.

Minha jornada não se resume apenas a mover-me de um ponto "A" para um ponto "B". É uma história de superação, aprendizado e, acima de tudo, de ativismo. A cadeira de rodas, para mim, nunca foi um ponto final; ela foi o ponto de partida para explorar o mundo de uma perspectiva única.

Nisso, entendo que o turismo inclusivo não é apenas uma questão de direito e bondade, mas também de lógica econômica e sustentabilidade. Como gestor ambiental, a experiên-

cia na Tirolesa Voo da Andorinha me proporcionou um valioso estudo de caso. Muitas vezes, a gestão ambiental é vista apenas sob a ótica da conservação, mas ela abrange também a gestão de recursos e a responsabilidade social. A atração da tirolesa, ao investir em acessibilidade, demonstrou um modelo de negócio que é ambiental e socialmente sustentável.

É um erro pensar que a acessibilidade é um custo extra. Pelo contrário, ela é um diferencial competitivo que amplia o mercado, atrai novos clientes e fortalece a imagem da empresa. Ao adaptar o equipamento e a operação para pessoas com deficiência, a tirolesa não apenas cumpriu a legislação, mas também se alinhou a princípios de turismo sustentável e economia circular, onde a inclusão gera valor em todas as frentes.

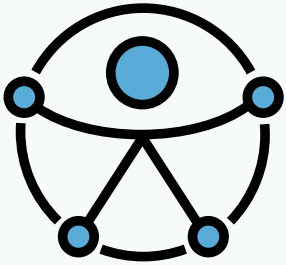
É fundamental reconhecer que a acessibilidade no Brasil é um direito. O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015) e a Lei de Acessibilidade (Lei nº 10.098/2000) garantem o direito ao turismo e ao lazer para pessoas com deficiência, exigindo que espaços públicos e privados de uso coletivo removam barreiras. A atitude da empresa da tirolesa, ao adaptar seu serviço, cumpre essas leis e vai além, mostrando que a acessibilidade pode ser inovadora e rentável.

A Tirolesa Voo da Andorinha me proporcionou uma aventura inesquecível e me mostrou que, com criatividade e comprometimento, é possível quebrar barreiras e voar, literalmente.

Minha visita de campo me mostrou que um bom gestor ambiental deve olhar para além das questões técnicas. É preciso ter uma visão holística, entendendo que a preservação do

meio ambiente, o sucesso econômico e a inclusão social são elementos interligados. A tirolesa é a prova de que é possível ter uma atividade lucrativa, que respeita a natureza e que, ao mesmo tempo, promove a inclusão de forma genuína.

Desbravando novos lugares



Ana Lúcia Serpa

Colaboradores:

Flávia Andiara Maciel
Juliana de Lima Carvalho
Lais Soares de Assunção
Maria Luiza Santos Araujo
Rhayane de Oliveira Leal

Desbravando novos lugares

Ana Lúcia Serpa

Gosto de desbravar novos lugares, culturas e absorver novos conhecimentos.

Tive Poliomielite aos nove meses de idade e isso me deixou com limitações no desenvolvimento físico, principalmente nos membros inferiores.

Vivo os desafios com a cara e a coragem. Sou dançarina num grupo de dança do ventre na cadeira de rodas, no projeto *Dança do Ventre sem Limites*.

Assim como qualquer outra pessoa, gosto de desbravar novos lugares, culturas e absorver novos conhecimentos. Uma das grandes experiências positivas que relato foi a visita ao Morro do Ernesto, ponto turístico localizado no município de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

Por meio de um convite fui vivenciar o turismo de aventura, onde recebi toda a atenção necessária. Os responsáveis me concederam um atendimento e infraestrutura de qualidade.

O projeto foi desenvolvido pelo Instituto Montanha para Todos, que oferece o deslocamento por meio de uma cadeira

de forma gratuita, tanto para a pessoa com deficiência quanto para seu acompanhante, para que possam apreciar a vista do pôr do sol.

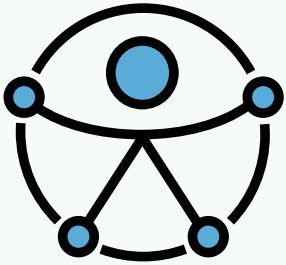
A cadeira é levada por quatro pessoas, na qual a pessoa com deficiência vai sentada, podendo apreciar toda a paisagem, dentro de suas condições físicas. Essa ação possibilitou fazer uma das trilhas mais frequentadas em Mato Grosso do Sul e a sensação de repetir essa experiência é enorme.

O atrativo turístico visitado possui um banheiro adaptado, e por vários motivos dou ênfase à atenção que recebi das pessoas que estavam no espaço turístico.

Pretendo vivenciar novas experiências turísticas, entre elas visitar a cidade de Bonito, sendo mais específica, no atrativo turístico Nascente Azul, onde já ocorre um projeto que reconhece a importância do turismo acessível.

Por fim, espero ter mais experiências positivas no turismo e poder compartilhar todas elas.

Precisamos de lugares mais acessíveis



Eva Aparecida Ortiz Barbosa

Colaboradores:

Flávia Andiara Maciel
Juliana de Lima Carvalho
Lais Soares de Assunção
Maria Luiza Santos Araujo
Rhayane de Oliveira Leal

Precisamos de lugares mais acessíveis

Eva Aparecida Ortiz Barbosa

Muitas vezes, o que é bonito aos olhos não é funcional e nem acessível.

Minhas experiências turísticas já ocorreram em pontos turísticos de Campo Grande, ao visitar alguns museus. Visitei a cidade de Bonito, aonde fui com a minha família.

Por não ter realizado o agendamento, não tive a oportunidade de ser acompanhada por um guia de turismo e conhecer alguns atrativos turísticos. Apesar disso, fomos, eu e a minha família conhecer um espaço turístico sem o acompanhamento de um guia. Ao chegarmos, havia pessoas para atender a todos que passavam por lá, com ou sem deficiência, e os atendentes do local nos passaram algumas orientações.

Posso assegurar que o local apresentava belezas, reforçando o nome da cidade, Bonito. É um local preparado para turistas. Sendo assim, reforço a necessidade de que haja descrição visual, pois em muitas situações os locais são visualmente interessantes, mas as pessoas com deficiência visual precisam de lugares mais acessíveis que não tenham barreiras.

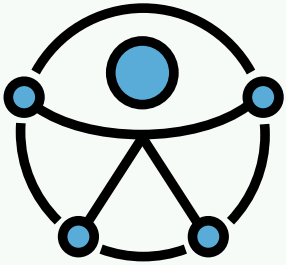
Outros visitantes presentes no atrativo turístico fizeram a descrição de algumas características do balneário, relatando que havia algumas pedras de formatos diferentes.

Muitas vezes, o que é bonito aos olhos não é funcional, mas não é possível mudar, porque a sua beleza está justamente nisso. Refiro-me às pedras enormes de tamanhos variados e desalinhados.

Posso afirmar que sempre existem dificuldades e isso também é reforçado pela própria limitação visual, pois eu já nasci cega. Apesar de algumas questões limitarem os passeios, eu não desisto de explorar o mundo à minha maneira.

Por fim, fomos bem recebidos e algumas pessoas me auxiliaram para conhecer o balneário em Bonito. A companhia da família e amigos que me descrevem as paisagens e as formas também enriquece imensamente minhas experiências, transformando cada passeio em uma memória.

Experiência turística compreensível e transformadora



Gildo Ribeiro do Nascimento

Colaboradores:

Andreia Ricarte de Oliveira Candido
Neura Ney Silva de Almeida e Souza
Savelina Cristaldo Ferreira

Experiência turística compreensível e transformadora

Gildo Ribeiro do Nascimento

A descrição detalhada transformou o local desconhecido em um espaço compreensível.

Em relação à experiência de acessibilidade ao turismo, eu vou contar uma experiência que vivenciei em Brasília, por ocasião de estar visitando os pontos turísticos da cidade.

A pessoa que estava comigo foi descrevendo todos os acontecimentos nos locais que visitávamos. Por exemplo, quando nós chegamos ao Palácio da Alvorada, ele descreveu a arquitetura do prédio, a fachada do prédio com estacionamento, o Espelho d'Água e o soldado da Guarda Presidencial que estava de sentinela.

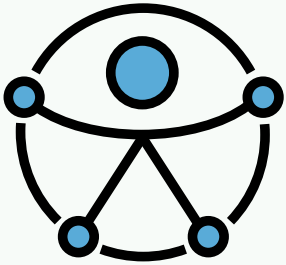
De lá, nós fomos para a Praça dos Três Poderes, mas antes passamos pelo Lago Paranoá, onde há um monumento que é a Ponte Juscelino Kubitschek, onde ele descreveu como era a ponte. Havia outras pessoas tirando foto para registrar a visita naquele monumento de Brasília. Passamos pelo Lago Paranoá, onde ele foi descrevendo o dique, as lanchas que estavam passando em frente a nós, para que eu pudesse ter

a noção, uma vez que lá havia os passeios de lancha, caso quisesse fazer o passeio e pelo menos saber, ter, mais ou menos, a noção de como era o passeio.

Lá na minha cidade, em Igaporã, também vivenciei uma situação positiva do ponto de vista da acessibilidade relacionada à visita à escadaria. A pessoa que me acompanhava perguntou se eu queria ir pela rampa ou pela escada e, após a escolha por onde íamos nos deslocar ela foi descrevendo o prédio da igreja, a arquitetura, a fachada, o sino e outros elementos.

Percebi que foi uma maneira de me situar no local, como se eu pudesse estar vendo cada coisa presente no ambiente, como a reforma que houve na praça, o que foi modificado na cidade. Essa descrição me concedeu uma nova percepção das características do que era antes, trazendo um tipo de mapa mental sobre o período em que enxergava e a transformação da cidade depois da perda da visão.

Pelos meus passos:
o turismo que inclui



Lilian Cristina de Jesus Garcia

Colaboradores:

Camila Corrêa Machado
Creso Paiva Filho
Danielle Velasques de Barros Magalhães
Zefinha Benedita da Silva Sá

Pelos meus passos: o turismo que inclui

Lilian Cristina de Jesus Garcia

Empatia, respeito e sensibilidade às necessidades do visitante com deficiência contribuem de forma decisiva para uma vivência mais acolhedora e prazerosa.

Sou mulher negra com deficiência visual decorrente de uma hipertensão intracraniana ocorrida em 2013. A condição evoluiu para uma trombose cerebral, resultando na perda total da visão em ambos os olhos.

Durante uma viagem a Cabo Frio, vivenciei uma experiência de turismo inclusivo que, apesar de alguns desafios, revelou-se profundamente significativa. Logo ao chegar à cidade, foi possível perceber aspectos positivos na infraestrutura urbana, como a presença de calçadas com piso tátil, que facilitaram a mobilidade e promoveram maior autonomia.

O atendimento em diversos estabelecimentos também se destacou pela humanização, com profissionais demonstrando empatia, respeito e sensibilidade às necessidades da visitante. Essa postura contribuiu de forma decisiva para uma vivência mais acolhedora e prazerosa.

Um dos momentos mais marcantes da viagem foi a visita ao Museu do Surfe. Embora o local ainda não contasse

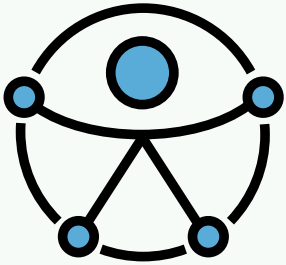
com adaptações específicas para pessoas com deficiência visual, uma funcionária demonstrou grande sensibilidade e empenho em tornar a visita acessível. Com uma abordagem atenciosa e explicações claras, ela proporcionou uma experiência enriquecedora e inclusiva, fazendo com que a visitante se sentisse respeitada e valorizada.

A experiência na praia também foi positiva, favorecida pela continuidade do piso tátil, que permite maior independência e segurança. Nos restaurantes, o atendimento cordial e respeitoso reforçou o sentimento de pertencimento e acolhimento. A hospedagem, por sua vez, merece destaque pelo preparo da equipe, que demonstrou atenção às necessidades do visitante sem adotar atitudes condescendentes.

Apesar dos avanços, a experiência evidenciou a necessidade de melhorias em certos atrativos turísticos. A ausência de recursos como audiodescrição, materiais em Braille e orientações adequadas em áreas naturais limita a plena inclusão de pessoas com deficiência visual e demanda atenção por parte dos gestores públicos e privados.

De modo geral, a viagem a Cabo Frio foi considerada uma experiência transformadora, revelando que, com sensibilidade, preparo e compromisso com a inclusão, é possível oferecer um turismo mais acessível. A cidade apresentou-se como um exemplo promissor de como o turismo pode ser uma ferramenta de valorização da diversidade e de promoção da autonomia e dignidade para todos.

Características de acessibilidade em espaços turísticos



João Pedro Cunha Viana

Colaboradores:

Andreia Ricarte de Oliveira Candido
Neura Ney Silva de Almeida e Souza
Savelina Cristaldo Ferreira

Características de acessibilidade em espaços turísticos

João Pedro Cunha Viana

Considero que nos espaços turísticos há a necessidade de haver alguém para guiar ou fazer uma audiodescrição.

Sou natural da cidade de Resende, Rio de Janeiro. Moro em Campo Grande há cinco anos, o mesmo tempo de perda da minha visão. Sou cego total.

Sou formado pela Escola de Gastronomia do SENAC e atuei como chefe de cozinha por mais de 12 anos. Atualmente, sou criador de conteúdo para as redes sociais sobre acessibilidade, inclusão e reabilitação visual, incentivando outras pessoas com deficiência visual a perder o medo de cozinhar, passando dicas e receitas.

De um modo geral, os espaços públicos costumam ter uma acessibilidade razoável, principalmente para pessoas com deficiência visual.

O lugar que mais senti características de acessibilidade foi o Bioparque Pantanal. Apesar de achar a localização difícil, especialmente para quem vai de ônibus, o Bioparque em si tem uma estrutura muito boa. Oferecem cartilhas em Braille

e tablets com fones de ouvido para audiodescrição. A visita guiada foi excelente, com os biólogos fazendo uma descrição detalhada de tudo. O melhor é que eles nos deixam tocar nos animais empalhados e até nos aquários, o que é uma experiência muito legal. O passeio foi tranquilo, sem subidas ou descidas íngremes, tudo é rampa. Para mim, foi o lugar mais acessível que já visitei.

Outro passeio que fiz foi no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Lembro que o passeio era acessível, mas o percurso era longo. Para pessoas com dificuldades de locomoção ou que têm problemas com o tempo, como idosos, pessoas com diabetes, pode ser um desafio. Mas para mim foi tranquilo.

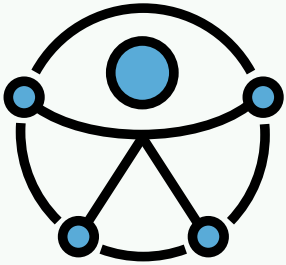
Aqui em Campo Grande, o transporte é razoavelmente acessível. Nos terminais, os funcionários ajudam a embarcar e desembarcar, e considero que a comunicação é clara.

Sobre a experiência turística, a principal característica que reparei no Brasil geralmente é que você não precisa se antecipar. Se eu chegar a algum lugar, haverá alguém disponível para me ajudar. Museus, por exemplo, sempre oferecem esse tipo de suporte.

Isso é diferente de experiências que alguns colegas meus tiveram fora do país. No Museu Britânico, na Inglaterra, é necessário agendar um guia especializado com três semanas de antecedência. O Louvre, na França, foi a mesma coisa, eles não me deixaram nem entrar sozinho. Em países da Europa, esperava algo diferente, mas me decepcionei ao perceber que não era tão acessível quanto aqui no Brasil.

Mesmo diante dos desafios, considero que nos espaços turísticos há a necessidade de haver alguém para guiar ou fazer uma audiodescrição, mesmo que não haja folhetos em Braille, para que as pessoas com deficiência possam se sentir mais acolhidas.

Experiência turística



Valdir Antonio Lustosa Alcântara

Colaboradores:

Alexandre Barbosa Chagas
Quézia Medina de Campos
Stepherson Medina Rodrigues Mendes
Thiago Silva Pereira

Experiência turística

Valdir Antonio Lustosa Alcântara

Tenho um espírito aventureiro favorecido pelos esportes e por outras atividades.

Quero contar para vocês um sonho que eu tinha desde a minha infância, sonho que, por ironia do destino, foi realizado mais de 40 anos depois, inclusive depois de eu ter ficado cego, mas vamos lá.

Antes, quero relatar um pouco aqui da minha trajetória de vida. Na verdade, eu não nasci com a deficiência visual. Isso foi adquirido no decorrer da juventude. Aproximadamente aos 23 anos, eu descobri que estava com descolamento de retina no olho direito, também um derrame no olho esquerdo, tudo isso muito silencioso. Fui procurar recursos na medicina e fui indicado para fazer uma cirurgia. No procedimento cirúrgico, descobriram também que havia ocorrido uma infecção generalizada atrás da córnea. Então, passei um tempo no período de luto e depois fui buscar a reabilitação e conheci uma associação na qual eu iniciei a minha reabilitação, com aulas de Orientação e Mobilidade e outras atividades. E conheci o judô, essa modalidade que foi tão importan-

te para minha vida. No judô, eu competi várias vezes e obtive bons resultados no começo e com o passar do tempo, por conta de algumas lesões eu tive que abandonar o judô.

Com o judô também eu já tinha esse espírito de aventureiro, e acabei me aventurando ainda mais em outros esportes e outras atividades. Hoje, eu ainda pratico alguns esportes, como futebol de cegos, Goalball e outros esportes de aventura, como o *bungee jump*, o rapel, o qual realizei na Cachoeira do Inferninho. Independentemente da condição, basta seguir os protocolos de segurança, não desobedecer a nenhuma norma de segurança.

Enfim, chegou a hora de contar a realização de um sonho: foi a primeira vez que pude ter o contato com um salto de paraquedas. Todas as instruções foram passadas para um grupo, porém eu era o único com deficiência visual.

Fui conduzido ao avião, tateei para conhecê-lo melhor: desde o trem de pouso, a asa do avião e outras partes externas do avião. O instrutor me ajudou a colocar o equipamento e logo entramos no avião. Posso dizer que "a ficha só caiu" quando o avião já havia levantado o voo. Mais instruções foram passadas, como eu deveria agir quando chegasse a hora de saltar. Essa orientação ocorria também através dos toques no ombro direito e esquerdo.

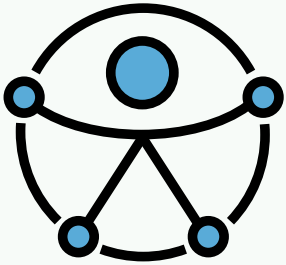
Lá do alto, não dá para ouvir nada, é um barulho ensurdecedor. Quando chegou a hora de saltar, fomos até a porta do avião, de repente, despencamos em queda livre. E ali, eu confesso que o espírito saiu do corpo um pouco, por um momento. Perdi a noção e, ao mesmo tempo, senti adrenali-

na pura. Foi quando o instrutor estabilizou, o paraquedas foi acionado e nós começamos a flutuar no ar.

Foi muito bom. Tive a sensação de liberdade, não tinha poste, não tinha buraco, não tinha lixeira aberta na calçada para bater o rosto, não tinha barreiras. Enfim, liberdade pura. O instrutor permitiu que eu ainda guiasse um pouco do paraquedas.

Quando chegamos embaixo, na hora de pousar, pousamos com maestria. Ao tocar o chão, ali, eu confesso que lágrimas caíram do meu olho. Eu não acreditava que esse sonho meu tinha sido realizado. Confesso que desfrutei muito dessa sensação de liberdade.

Viajar é uma oportunidade de colecionar memórias



Carlos Magno da Silva

Colaboradores:

Letícia Vitória Duarte de Almeida
Lincon Loubet de Freitas
Naia Gabrielly Sousa

Viajar é uma oportunidade de colecionar memórias

Carlos Magno da Silva

Percebo de outra forma as vibrações do mar, o toque da brisa é uma experiência diferente.

Sou deficiente auditivo, com perda parcial de aproximadamente 80% em ambos os ouvidos. Desde criança, viajar sempre fez parte da minha vida.

Todos os anos, minha família organizava passeios para diferentes lugares e, mesmo que meu conhecimento sobre os destinos não viesse pelo que eu ouvia, eu aprendia muito observando.

Já conheci Camboriú, em Santa Catarina; Matinhos, no Paraná; Brasília; e Fortaleza, no Ceará. Viajar me faz muito feliz, é uma oportunidade de colecionar memórias e criar lembranças.

Não considero que minha deficiência me limite tanto nas viagens. O maior desafio é me comunicar com as pessoas nos destinos. Para lidar com isso, costumo escrever num papel ou digitar no celular. Nunca viajei com guias de turismo, sempre acompanhado por família ou amigos.

Infelizmente, já passei por situações de preconceito, tanto por ser surdo quanto pelo meu jeito de falar. Algumas pessoas achavam que eu era estrangeiro, e isso me deixava bastante ofendido.

Entre todas as viagens, a mais marcante foi para Fortaleza, especialmente nas praias de Morro Branco e Praia do Futuro. Eu adorava assistir ao pôr do sol e sentir a brisa do vento no rosto.

Sempre que viajo, uso aparelho auditivo. Mas, quando estou cansado ou com dor de cabeça, prefiro tirá-lo. Nesses momentos, percebo de outra forma as vibrações do mar, o toque da brisa é uma experiência diferente.

Ainda sinto que a acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva no turismo é bastante falha. Seria fundamental a presença de intérpretes de Libras durante as viagens. Muitas vezes, sinto que minha deficiência é esquecida ou até ignorada. Sou surdo oralizado, mas tenho amigos surdos que se comunicam apenas em Libras e, para eles, a presença de intérpretes é ainda mais essencial.

Meu conselho para outras pessoas com deficiência auditiva que querem viajar é simples: vá acompanhado. Viajar sozinho pode trazer grandes problemas de comunicação. E para quem trabalha com turismo, reforço a importância de aprender Libras; isso faz toda a diferença para nós.

NOTA DOS DISCENTES

Ao compreender a necessidade de criar laços com pessoas com deficiência, debater sobre soluções para melhor incluí-los no desenvolvimento do turismo, nós, a turma do 1° ano do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Campo Grande, fomos sondar as suas experiências turísticas, reconhecendo que essa ação foi um passo fundamental para transformar o turismo acessível em um pilar central de qualquer estratégia no desenvolvimento do turismo.

Ao conhecer as dificuldades e desafios das pessoas com deficiência que enfrentam todos os dias barreiras físicas, atitudinais, comunicacionais, sociais, tecnológicas e outras, adquirimos a empatia necessária para nos sensibilizarmos e fortalecer ações em favor dessas pessoas, utilizando da escuta ativa.

Aprendemos juntos, trocamos experiências e informações sobre acessibilidade, inclusão e capacitismo, com a finalidade de juntos distanciarmos os preconceitos em cada atividade realizada.

Talvez a nossa contribuição tenha sido pequena, mas acreditamos que em todos os momentos houve reciprocidade e vários aprendizados fluíram naturalmente, oportunizando desconstruir paradigmas, crenças e julgamentos precipitados.

Todas essas experiências foram agentes de transformação para além da sala de aula, possibilitando uma melhor percepção quanto às melhorias de qualidade de vida para as pessoas com deficiência, tanto para ações básicas, quanto para o acesso ao turismo.

Somos imensamente gratos a todos e todas que participaram direta ou indiretamente das ações extensionistas com foco na inclusão. Que seja o começo de parcerias cada vez mais sólidas para um objetivo comum: proporcionar e garantir o direito à acessibilidade e inclusão das pessoas com deficiência.

AGRADECIMENTOS

A realização desta obra representa a materialização de um ideal que busca um turismo verdadeiramente acessível e inclusivo para todos.

Esta proposta tomou forma como um projeto transdisciplinar na disciplina de Atividades Avançadas em Turismo I (AAT-I), consolidando-se como uma valiosa atividade de extensão universitária.

O sucesso deste trabalho só foi possível graças a uma rede de colaboração, à qual somos imensamente gratos.

Aos professores e colaboradores do Laboratório de Pesquisas em Educação Especial, Acessibilidade e Inclusão – LAPIS-UEMS, nosso muito obrigado pelo suporte que norteou nossos passos. Ao Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC, em nome de seus gestores, professores e atendidos, nossa gratidão pela generosidade em abrir suas portas e compartilhar saberes.

À presidente e às integrantes da Associação de Mulheres com Deficiência de Mato Grosso do Sul – AMDEF, agradecemos pela força de sua representatividade e por darem voz a pautas sobre o direito das pessoas com deficiência.

Um agradecimento especial a todos os autores que generosamente compartilharam suas experiências turísticas, cujos relatos e vivências enriqueceram profundamente esta obra.

Agradecemos à Coordenação do Curso de Turismo, pelo apoio nas diferentes etapas deste projeto.

Reconhecemos também o comprometimento dos estudantes do 1º ano do curso de Turismo, que abraçaram este desafio e foram peças-chave na construção deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta obra, nosso mais sincero agradecimento.

Profa. Dra. Marta Regina da Silva-Melo

SOBRE OS AUTORES

Organização

Marta Regina da Silva-Melo é Doutora e Mestra em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – Anhanguera-UNIDERP; graduada em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande; pós-graduada *lato sensu* em Psicopedagogia e licenciada em Pedagogia pela Universidade da Grande Dourados – UNIGRAN. É professora do Curso de Turismo da UEMS, Campo Grande.

Autores

Ana Lúcia Serpa vive com a "cara e a coragem". Dançarina na cadeira de rodas, faz parte do Projeto *Dança do Ventre sem Limites*. Integra a Associação de Mulheres com Deficiência de Mato Grosso do Sul – AMDEF/MS.

Astrogilda Maria Jose é uma pessoa com deficiência visual. Formada em Pedagogia, é vice-presidente do Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC e aposentada pelo Tribunal Regional do Trabalho da Vigésima Quarta Região (TRT-24).

Carlos Magno da Silva é pessoa com deficiência auditiva e bombeiro civil.

Eva Aparecida Ortiz Barbosa é uma pessoa com deficiência visual, formada em Pedagogia e professora no Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC.

Gildo Ribeiro do Nascimento é pessoa com deficiência visual, natural de Igaporã, Bahia. Nasceu em 1969. Em 1974, mudou-se para Brasília, para onde seus pais foram em busca de melhores condições de vida. Viveu em Brasília de 1974 até 1996, quando se mudou para Campo Grande, Mato Grosso do Sul. É pai de duas filhas, Yanara Ribeiro Maior e Asne Ribeiro Maior, e divorciado. Tem um metro e sessenta e oito centímetros, é negro e calvo.

João Pedro Cunha Viana é natural da cidade de Resende, Rio de Janeiro. Mora em Campo Grande e perdeu a visão há cinco anos. É cego total. Formado pela Escola de Gastronomia do SENAC (Rio de Janeiro), atuou como chefe de cozinha por mais de 12 anos. Atualmente, trabalha na internet com criação de conteúdo para as redes sociais sobre acessibilidade, inclusão e reabilitação visual.

José Aparecido da Costa é uma pessoa com deficiência visual. Doutor em Educação e graduado em Pedagogia. É gestor de ações sociais da Secretaria de Assistência Social e dos Direitos Humanos de Mato Grosso do Sul – SEAD e professor de pós-graduação nas áreas de inclusão e Tecnologias Assistivas. Atualmente, desenvolve suas atividades como técnico do Laboratório de Pesquisas em Educação Especial, Acessibilidade e Inclusão (LAPIS/UEMS), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Josiane Pereira dos Santos é uma pessoa com deficiência visual. Graduada em Administração Pública. Atua como tesoureira voluntária no Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC, com foco na gestão financeira da instituição. Possui interesse nas áreas de gestão pública, inclusão e responsabilidade social.

Lilian Cristina de Jesus Garcia é bacharel em Turismo, ativista na inclusão da pessoa com deficiência visual em diferentes campos da sociedade e professora de Tecnologias Assistivas no Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC.

Lucas Helpis de Lima é pesquisador e mestrando em Educação, com foco na área de inclusão e Educação Especial. Em sua jornada, desenvolveu o artigo "As Tecnologias Assistivas na Formação do Estudante com Paralisia Cerebral: uma análise autobiográfica". Participa de debates e produções científicas voltadas às políticas públicas de inclusão no ensino superior, com ênfase nas ações da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Mírian Mirella Ballatore Holland é uma pessoa com deficiência física. Formada em Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar. É presidente da Associação de Mulheres com Deficiência de Mato Grosso do Sul – AMDEF/MS.

Valdir Antonio Lustosa Alcântara tem 50 anos, é casado, tem cinco filhos e uma neta, sendo que, dos cinco filhos, três são "filhos do coração" e dois são biológicos. No passado, quando ainda enxergava, trabalhou como ajudante de caminhão. Atualmente, está aposentado e tem o ensino médio completo.

Estudantes colaboradores

Discentes do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Campo Grande, na disciplina de Atividades Avançadas em Turismo I:

Alexandre Barbosa Chagas

Andreia Ricarte de Oliveira Candido

Camila Corrêa Machado

Creso Paiva Filho

Danielle Velasques de Barros Magalhães

Flávia Andiara Maciel

Juliana de Lima Carvalho

Lais Soares de Assunção

Letícia Vitória Duarte de Almeida

Lincon Loubet de Freitas

Maria Luiza Santos Araujo

Naia Gabrielly Sousa

Neura Ney Silva de Almeida e Souza

Quézia Medina de Campos

Rhayane de Oliveira Leal

Savelina Cristaldo Ferreira

Stepherson Medina Rodrigues Mendes

Thiago Silva Pereira

Zefinha Benedita da Silva Sá

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 23, 24, 29, 30, 32, 41, 42, 46, 47, 55, 56, 57, 58, 59

Aprendizados 15, 58

Atrativo turístico 12, 21, 22, 36, 39

Autonomia 17, 18, 44, 45

B

Barreiras 14, 15, 31, 32, 38, 53, 57

Braille 22, 25, 28, 45, 47, 49

C

Cadeira de rodas 21, 30, 31, 35, 61

Capacitismo 57

D

Deficiência 10, 11, 12, 14, 15, 18, 22, 24, 28, 32, 36, 38, 44, 45, 47, 49, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 60

Deficiência visual 18, 22, 24, 28, 38, 44, 45, 47, 51, 52

Deficiente auditivo 55

E

Economia circular 32

Educação especial 11, 13, 59

Empatia 15, 44, 57

Espaços turísticos 12, 21, 46, 47, 49

Experiências 10, 12, 17, 18, 21, 30, 35, 36, 38, 39, 48, 57, 58, 60

Experiência turística 20, 21, 48

G

Guia 22, 25, 26, 27, 38, 48

H

Hospedagem 18, 45

I

Inclusão 10, 11, 12, 13, 14, 15, 21, 25, 27, 32, 33, 45, 47, 57, 58

L

Lazer 11, 12, 32
Libras 22, 56
Locomoção 48

M

Memória 28, 39
Mobilidade 22, 44, 51

N

Natureza 13, 26, 27, 30, 33

P

Passeio 22, 31, 39, 42, 48
Percepção 12, 30, 42, 58
Pertencimento 12, 20, 21, 22, 27, 45
Pessoa com deficiência 11, 21, 32
Piso tátil 44, 45

S

Segurança 30, 31, 45, 52
Sensibilidade 44, 45
Sensorial 24
Sociedade 12, 13, 14

T

Turismo 10, 11, 12, 13, 15, 21, 22, 31, 32, 35, 36, 38, 41, 43, 44, 45, 55, 56, 57, 58, 59

V

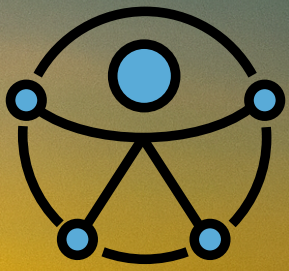
Viajar 18, 54, 55, 56
Visão 14, 22, 31, 32, 42, 44, 47

https://editoraecodidatica.com.br

ISBN 978-65-85640-15-2

ALÉM DAS BARREIRAS

o turismo inclusivo por meio das nossas experiências



Marta Regina da Silva-Melo
(Organização)

UEMS
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

editora ECO Didática

ISBN 978-65-85640-15-2